



ENTRE FRANCESES E PORTUGUESES: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM INDÍGENA NOS RELATOS DOS MISSIONÁRIOS DO SÉCULO XVI E XVII

João Otávio Tomazini Fardin¹

¹Graduando em história pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru/SP. Email: joao_fardin@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo expor, por meio de autores franceses e portugueses dos séculos XVI e XVII e de discussão historiográfica, as diferentes perspectivas construídas pelos colonizadores com relação aos nativo-americanos. Considera-se principalmente os relatos e cartas de missionários europeus, como Vieira, Nóbrega, Lery e Evreux, dada a proximidade destes autores com os índios e por tratarem de um mesmo espaço geográfico: a colônia brasileira.

Palavras-chave: Índio. Missionários. Discursos.

INTRODUÇÃO

Em 1550, realiza-se em Valladolid, na Espanha, um debate entre o frade dominicano Bartolomeu de Las Casas e o humanista Sepúlveda. O tema é a questão do índio, sua humanidade e liberdade. Discute-se a descendência adâmica, sua criação por Deus ou sua servidão ao Diabo.

Sepúlveda, seguindo a linha de Aristóteles, defende que o progresso da sociedade está intimamente ligado a existência de escravos. Para vincular esta posição à escravidão indígena, ele menciona as práticas dos nativo-americanos, como canibalismo e incesto, para justificar sua inferioridade cultural e a necessidade da intervenção espanhola.

Em oposição a este, Las Casas vê nos índios “irmãos, pelos quais Cristo deu sua vida”. E, em uma argumentação inovadora coloca que, se em alguns aspectos os índios se igualam a gregos e romanos, em outros estes os superam. Las Casas adota uma posição em defesa da humanidade dos índios e inconsistente com a forma de dominação espanhola (RIBEIRO, 2011, p. 105-107).

No mesmo ano, em Rouen, na França, realiza-se uma entrada para o rei Henrique II e Catarina de Médicis. Nesta, apresenta-se um espetáculo muito emblemático. Aquilo que Ferdinand Denis chamou de “Uma festa brasileira” (FILHO, 2008, p. 225) era antes de tudo

um evento político, onde é possível perceber o choque de interesses com relação ao Brasil e as diferentes imagens construídas sobre o indígena.

O evento conta com a presença do rei da França, dos embaixadores de Portugal e da Espanha, além de cinquenta índios brasileiros, que teatralizam com outros duzentos e cinquenta marinheiros franceses vestidos “à moda indígena”, ou seja, nus.

No desenvolvimento da obra, franceses lutarão ao lado dos Tupinambás contra índios Tabajaras, aliados dos portugueses. Os normandos vencerão seus inimigos, os expulsarão e, não obstante, destruirão um navio português, o incendiando. Em *Ensaio*, um dos roteiros da peça, fica claro que as intenções da França para o Brasil e para o indígena diferem das abordagens portuguesas e espanholas, tecendo críticas a estas pelo seu caráter violento e bárbaro. (FILHO, 2008, p. 224).

Desta forma, a festa em Rouen é uma considerável representação do conflito de interesses entre França e Portugal pelas terras brasileiras. Mas não apenas isso. O evento, somado ao debate de Valladolid, mostra que neste período há duas posições com relação ao nativo-americano e sua cultura.

Este artigo objetiva expor estas imagens, partindo de autores portugueses e franceses. A escolha destes é proposital, pois ambos tinham interesse pelo mesmo espaço geográfico, as terras brasileiras. Além disso, busca-se evidenciar alguns dos pontos que definiram os traços da imagem do nativo-americano para estes grupos.

DOS PORTUGUESES

Para o estudo da representação do gentio na literatura portuguesa, este artigo enfoca principalmente os textos jesuíticos, pois estes apresentam características da subjetividade do indígena, enquanto as crônicas ou tratados histórico-descritivos detêm-se em aspectos mais externos dos gentios (MASSIMI, 2003, p. 2). Aos textos de Nóbrega, Anchieta e Vieira soma-se também a carta de Pero Vaz de Caminha. Aqueles primeiros tornam-se relevantes pelo alcance que tiveram no período (SANTOS, 2009, p. 42) e pela proximidade entre os autores e os índios. O último, por apresentar o primeiro contato do europeu com o nativo americano.

A interpretação do indígena e de sua cultura construída pelo português oscila entre uma visão idealizada, que atribui ao corpo indígena e ao meio ambiente características

edênicas, e outra que atribui aspectos negativos – até mesmo demoníacos, se empregarem-se os termos das cartas – ao nativo-americano (SANTOS, 2009, p. 42).

A visão edênica aparece principalmente – senão exclusivamente – nas referências ao corpo. Caminha, em sua Carta, irá apresentar o índio com “bons rostos e bons narizes, bem feitos” (MINISTÉRIO DA CULTURA, p. 3), além de analisar a genitália de uma índia que de “tão graciosa” (Ministério da Cultura, p.5) causaria inveja em mulheres portuguesas. Anchieta irá atribuir-lhes corpos que respeitam a proporção e irá afirmar que quase nenhum é afetado por deformidade (SANTOS, 2009, p. 72).

Os aspectos negativos são normalmente atribuídos quando os autores se referem aos comportamentos e mentalidade indígena. Uma referência que Anchieta faz a um índio Carijó é muito expressiva nesse ponto. Segundo ele, o nativo era “mui bom cristão, homem mui discreto e nem parece ter cousa alguma de índio (SANTOS, 2009, p. 68). Percebe-se que mesmo quando há menção de algum comportamento considerado positivo pelo europeu no indígena, não se exclui uma contraposição entre os valores americanos e europeus, tampouco deixa de menosprezar o comportamento e a cultura e comportamento indígena.

Crueldade e bestialidade são atributos abundantes nos textos de Nóbrega e Anchieta. Em seu “Apontamento de coisas do Brasil”, Nóbrega afirma que os cristãos não puderam ter dos índios nem mesmo a amizade, pois estes os matavam e comiam sem causa. A isto soma-se a descrição que faz dos gentios, considerando-os como os mais vis e tristes do mundo (SERAFIM, 1940, p. 77). Os índios, para Anchieta, andam e rompem do mato como bichos. Este ainda considera que são infrutíferos, se não forem domados e submetidos ao jugo da obediência (SERAFIM, 1940, p. 55).

Aliás, a questão da submissão do índio para sua introdução no padrão de civilização europeia é um tema que salta nos textos jesuíticos. Nóbrega, na carta referida, diz ao El-Rei que o gentio deve, primeiramente, “sujeitar-se e fazê-lo viver como criaturas que são racionais, fazendo-lhe guardar a lei natural” (SERAFIM, 1940, p. 79) e sugere que, se o rei os quiser vê-los convertidos, deve mandar que os portugueses a todos sujeitem.

Esta posição quanto ao indígena não é fruto do acaso. Santos (2009) argumenta que “ao nativo são imputados os atributos de bestialidade, imperfeição e inferioridade, que permitem ao conquistador tê-lo como propriedade, torná-lo dependente e fazê-lo obediente.”

Mesmo o padre Antônio Vieira, ao discursar contra os colonos que escravizavam os índios, não exclui a importância da redução nas propriedades jesuítas. Para isto, justifica que

nestas propriedades os gentios têm trabalho e doutrina (SANTOS, 2009, p. 99). Esta é uma posição clara no movimento jesuíta. Influenciado pelas leituras de Aristóteles e pelo Humanismo, a ordem entende que a transformação do indivíduo acontece a partir da educação e que a razão controla a vontade e o desejo (MASSIMI, 2002, p. 26). Portanto, na mentalidade da ordem jesuíta não há contradição na redução do índio em suas propriedades e na escravidão pelos colonos – naquela, o índio está sendo livrado da bestialidade e introduzido na civilização; nesta, está preso ao colono e ao seu estado natural.

É necessário, contudo, fazer duas ressalvas a interpretação do indígena feita pelo jesuíta. A primeira é que há, por partes dos autores, o reconhecimento das diferenças entre as tribos indígenas, considerando algumas especificidades apreendidas a partir da lógica europeia da época. Para Anchieta, os carijós são mais mansos e aptos as coisas de Deus, enquanto os ibirajaras são mais dados à razão e os tupinambás, os mais políticos. A segunda é que a posição quanto ao índio varia um pouco a partir da resposta deste (SANTOS, 2009, p. 75). Quando os gentios ajudam os jesuítas contra seus inimigos, estes são considerados uma manifestação das misericórdias de Deus, que moveu o coração dos índios em favor dos religiosos (SANTOS, 2009, p. 75). Contudo, a leitura que os jesuítas fazem do indígena e de sua cultura tende a considerar seu corpo e força através de aspectos positivos, reservando para o comportamento e a mentalidade, críticas e atributos pejorativos.

DOS FRANCESES

Se para os portugueses os aspectos físicos do nativo-americano são apreciáveis e proporcionais, os franceses mantêm este discurso. D'Évreux (2002) os considera infatigáveis. Repete-se também na literatura francesa o mito da longevidade indígena. D'Abeville (2002), por exemplo, insere em seu relato uma conversa com um belo índio de quase cem anos.

Mas, quanto a aspectos culturais e comportamentais, vê-se uma diferença considerável no discurso dos franceses. Em Thevet (1994), Lery e D'Évreux há uma aproximação entre o francês e o índio e, em alguns casos, comparações entre estes nas quais o gentio leva vantagem.

Na obra “Viagem ao norte do Brasil, feita nos anos de 1613 a 1614”, de D'Évreux (2002), há afirmações interessantes quanto ao índio, principalmente nas comparações entre estes e os franceses. O autor afirmará que eles têm igual natureza aos nobres: “não sofrem

constrangimento, porém não duvidam expor sua vida, a fim de cumprirem as doces ordens de seus principais” (D’EVREUX, 2002, p. 74). Dirá ainda que estes são mais fieis à natureza do que os que vivem no país cristão. Quando se refere a um índio que leva para os franceses a queixa de um estupro, refere-se a este como “um homem bem feito, de bonito rosto e bom corpo, falando bem e em bons termos, mostrando, tanto nas maneiras como no corpo, **generosidade e nobreza de coragem** (D’EVREUX, 2002, p. 102, grifo do autor). Ainda neste caso, quando o índio aplica a pena à mulher com “muitas lágrimas, que lhe corriam ao longo das faces” (D’EVREUX, 2002, p. 103), o autor dota-o de profundos sentimentos.

Outra questão interessante é que o índio não é apenas dotado de sentimentos nos relatos dos missionários franceses. A ele também atribui-se voz e fala. Os textos de Evreux e Lery são um dos poucos que apresentam diálogos e falas indígenas.

É verdade que os textos franceses reconhecem a antropofagia e a poligamia indígena como práticas negativas, em um posicionamento que segue a linha dos países ibéricos. Mas o discurso francês que surge diante destas práticas é a grande diferença entre a interpretação que o francês e o português fazem do indígena. E estas divergências podem ser notadas em três aspectos, que estão intimamente ligados: conceito de civilização, empatia e crítica ao modelo ibérico de colonização.

D’Evreux (2002, p. 59), seguindo a tendência de sua época, não reconhece como legítimo o conceito de civilização indígena. Reconhece alguns aspectos econômicos e sociais, pelos quais demonstra admiração. Contudo, ainda que afirme que os Tupinambás “nunca tiveram ideia alguma de civilização, considera que estes são mais fáceis de serem civilizados do que os aldeões da França. É interessante que, ao comparar franceses e índios – uma abordagem muito recorrente em sua obra – privilegia os últimos e faz uma crítica aos seus conterrâneos.

Obviamente é possível, além de necessário, questionar se este não é um discurso exclusivo dos franceses que estão na América, ou mesmo uma posição adotada unicamente por Evreux. Por isso, é necessário voltar os olhos para o contexto da França e os discursos construídos por aqueles que não se aventuraram em terra americanas.

Da mesma forma que o missionário capuchinho, os franceses entendem que há uma escala social, onde a França está no topo. Mas, nas representações feitas dos índios brasileiros, há um notável romantismo, transferindo características francesas para os nativo-americanos. Ainda que a ausência das letras F, R, e L no vocabulário indígena, traduzida

como ausência de governo e fé, fosse um tema recorrente nos relatos de viagem, há em uma das gravuras da festa em Rouen uma representação "afrancesada" da sociedade indígena. Pode-se ver um índio que ocupa a posição de um rei, com uma rainha ao seu lado. Vê-se também casais, crianças, grupos de danças, todos envolvidos em um ambiente bucólico.

Considerando ainda este evento, as miniaturas do manuscrito da festa em Rouen, ao se referir à entrada dos índios no espetáculo, apresenta os versos: “Vocês os verão de coração ao nosso igual” (FILHO, 2008, p. 229). Isso coloca – ou ao menos tenta passar esta ideia – franceses e índios em situação de relativa igualdade.

Esse exercício de empatia é recorrente na literatura francesa. Até mesmo Thevet, que frisa de maneira mais marcante os pontos conflitantes entre a moral cristã e cultura indígena, refere-se aos índios como amigos e aliados. A imagem de um povo que vive livre em uma terra próspera encontra espaço também na literatura francesa. Ronsard, em 1559, faz sua “Queixa contra Fortuna” (*Complaint contre Fortune*), poema no qual exalta os prazeres da América. Ao mencionar o lugar onde “um povo desconhecido vagueia inocente, selvagem e nu”, coloca que estes vivem “sem Senado, sem rei, em seu prazer”² (CUNHA, 1993, p. 97). É interessante que, em sua dimensão interna, a obra de Ronsard não reconhece a organização política indígena. Ainda assim, o autor não desvincula a ideia de prazer desta sociedade. Pelo contrário, mesmo sem rei ou senado, os índios vivem *à son plaisir*.

De fato, essa relação de empatia traduz-se também em uma crítica aos outros modelos de colonização. Le Testu, em um atlas encaminhado ao monarca francês, apresenta na região do Peru uma cena de sete nativos mortos por dois europeus, sob a legenda: “Parte da derrota de Atahualpa no Peru” (TAVARES, 2014, p. 96). Esta é a única cena de violência em terra representada no atlas. E apresenta a crítica dos franceses quanto à violência da colonização hispânica. Mas, por trás desta crítica, fica implícito um elogio a postura francesa com relação ao índio. O próprio Mem de Sá evidencia a diferença do tratamento dado aos índios pelos franceses. Ao comparar sua postura com relação ao gentio daquela adotada por Villegagnon, coloca que:

Ele trata os selvagens de uma maneira muito diferente da nossa. Ele se mostra extremamente liberal com eles e lhes dá razão em tudo; ele manda enforcar, sem nenhum tipo de julgamento, os franceses que cometeram falhas, o que o faz ser

² Em francês: “Où le peuple incognu/Erre innocemment tout farouche et tout nu/qui ne cognoist lês noms de vertu, ny de vice/De Sénat, ni de Roy, qui vit à son plaisir/”

muito temido pelos seus e muito querido pelos selvagens. Ele manda ensinar-lhes uma profissão e a utilizarem todo tipo de arma e os ajuda em todas as suas guerras (FILHO, 2008, p. 236).

DAS INFLUÊNCIAS PARA CONSTRUÇÃO DESTAS IMAGENS

Resta ainda elencar os motivos que delinearão estas imagens. Quais são as influências que colaboraram para construção dos discursos? Qual contexto em que se estruturam? Responder estas questões é essencial para evitar uma interpretação dicotômica, no modelo de herói/vilão, português/francês. Por isto, é interessante fazer uma breve análise das imagens que o índio adquiriu na literatura portuguesa.

O primeiro relato do contato entre o nativo-americano e o europeu apresenta o índio por uma vertente mais idílica. Na carta de Caminha, o índio não é o inimigo a ser vencido (SANTOS, 2009, p. 54). É o primeiro contato, no qual desenvolve-se o olhar de um viajante, que ainda vê o índio como um ser à parte. Com a intensificação do contato, no processo de colonização, vê-se uma mudança na posição com relação ao índio. Esta passa a oscilar entre um inimigo a ser aniquilado ou um bárbaro a ser sujeitado, para que entre na civilização.

E este distanciamento entre o autor e o seu tema de estudo é uma das possíveis explicações para a diferença entre o discurso dos portugueses e a abordagem dos franceses. Para Cunha (1993), entre os séculos XVI e XVII, o francês constrói a imagem de um viajante, enquanto os portugueses interpretam o índio pelo olhar do colonizador. Para o primeiro, há o encantamento com o novo. Para o segundo, um contato direto com o “outro”, incluindo todos os processos de luta e resistência. Ainda que haja uma intenção de Villegagnon em formar uma colônia, essa iniciativa não se consolida como ocorre no caso português.

Outra questão a se considerar são os interesses econômicos destas duas nações. Portugal apresentava uma política de colonização, o que implica em tornar a terra indígena sua própria terra. Em contrapartida, os franceses praticavam, no primeiro momento, o comércio de pau-brasil. Para isto, contavam com o auxílio dos índios. Essa diferença de interesses econômicos se reflete também em diferenças de abordagens e discursos.

Além disto, deve-se entender o contexto em que os discursos são produzidos. A França, durante sua empreitada colonial, passa por conflitos religiosos. Essa situação aproxima os autores dos índios. Eles vêm em suas constantes guerras uma semelhança ao seu país de origem. O fato de a França estar imersa em disputas religiosas, inclusive com relatos

de canibalismo entre seus habitantes colocam os franceses em uma situação mais próxima ao índio do que aquela onde está o português. Montaigne, em seus *Ensaio*s discute com singular clareza o conceito de barbaridade e coloca que:

Não fico triste por observarmos o horror barbaresco que há em tal ato, mas sim por, ao julgarmos corretamente os erros deles, sermos tão cegos para os nossos. Penso que há mais barbárie em comer um homem vivo do que em comê-lo morto, em dilacerar por tormentos e suplícios um corpo ainda cheio de sensações, fazê-lo assar pouco a pouco, fazê-lo ser mordido e esmagado pelos cães e pelos porcos (como não apenas lemos mas vimos de fresca memória, não entre inimigos antigos, mas entre vizinhos e compatriotas, e, o que é pior, a pretexto de piedade e religião) do que em assá-lo e comê-lo depois que está morto... Portanto, podemos muito bem chamá-los de bárbaros com relação às regras da razão, mas não com relação a nós, que os ultrapassamos em toda espécie de barbárie. (MONTAIGNE, 2010, p. 103.).

Ao mesmo tempo, há o esforço para uma autoafirmação de uma identidade nacional em torno do Estado francês, a serviço de um projeto de expansão colonial (FILHO, 2008, p. 234). A diferença é que, por trás deste projeto há uma nova postura com relação ao indígena, que difere das posições ibéricas. Ao invés de tentar eliminar a cultura do outro, busca superá-la, trazendo os selvagens à civilização (FILHO, 2008, p. 235). E esta postura francesa quanto ao índio brasileiro é também a promoção de uma imagem singular da própria França. Ao apresentar uma imagem indígena que diverge das construídas por outras nações europeias, a França tenta colocar-se como uma civilização diferente, singular. Por fim, atrelada a valorização do indígena, está a exaltação da civilização francesa.

CONCLUSÃO

Ainda que haja uma imagem do índio construída por cada um dos grupos envolvidos, é necessário fazer uma última ressalva. Não é possível assumir que por unanimidade todos os escritores portugueses ou franceses adotassem o mesmo discurso. A posição quanto aos nativo-americanos encontra divergências no interior destes grupos. No caso dos portugueses, há variações nos relatos de um mesmo autor e posições divergentes dentro de um mesmo grupo. Por exemplo, na peça “Diálogos da conversão de um gentio”, Nóbrega apresenta um diálogo em que um missionário jesuíta está em crise diante dos baixos resultados dos esforços da ordem em converter os índios, dada sua rudeza e bestialidade. (CUNHA, 1993, p. 104).

E quando Jean de Lery, ao se referir a Thevet, afirma que este foi um refinado mentiroso e um imprudente caluniador (LERY, 1961, p. 24), percebe-se um conflito dentro da literatura francesa – e que, em partes, é mais uma manifestação dos conflitos religiosos que estavam em curso na França. O próprio Evreux (2002) reconhece que na França há diferentes interpretações da cultura indígena. A partir das constantes perguntas que lhe fizeram regressar para França, ele afirma que é difícil que os franceses acreditem na capacidade dos gentios aprenderem ciência e virtude (D'EVREUX, 2002, p. 63).

Contudo, estes discursos e mesmo suas divergências internas, trazem a tona o tema do debate de Valladolid. Percebe-se, como concluiu Goulão (2012) que o índio não é uma realidade objetiva, mas uma construção constante que surge das mentalidades europeias. E que entre os séculos XVI e XVII há a formação de duas imagens e duas posições quanto ao nativo-americano. Estas imagens opõem-se, seja no interior de um mesmo grupo colonizador, como no caso do debate de Las Casas, ou no conflito entre projetos coloniais, como o exemplo da França e Portugal.

BETWEEN FRENCH AND PORTUGUESE: THE CONSTRUCTION OF THE IMAGE OF NATIVE AMERICAN IN MISSIONARIES REPORTS IN THE 16th AND 17TH CENTURIES

ABSTRACT

This study aims to expose, by French and Portuguese authors in the 16th and 17th centuries and historiographical discussions, different perspectives constructed by colonizers related to Native Americans. The European reports and letters from missionaries, such as Vieira, Nóbrega, Lery and Evreux were considered, due to their proximity to native people and for being in the same geographic space: the Brazilian colony.

Keyword: Native. Missionaries. Reports.

REFERÊNCIAS

CUNHA, M. C. da. 1993. Imagens de índios do Brasil: o século XVI. In: Pizarro Ana (Org.). América Latina: palavras, literatura e cultura. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: Ed. Unicamp.

D'EVREUX, I. de. **VIAGEM AO NORTE DO BRASIL**: feita nos anos de 1613 a 1614 / Yves D'Evreux; com a colaboração de Ferdinand Denis; traduzida por César Augusto Marques – São Paulo: Siciliano, 2002.

D'ABBEVILLE, Pr. C.. **HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO E SUAS CIRCUNVIZINHANÇAS**. São Paulo: Sciliano, 2002.

FILHO, J. A. S. de. A. **“FESTA BRASILEIRA” OU O TEATRO DO “BOM SELVAGEM”**: um estudo sobre o Papel do índio brasileiro na entrada de Henrique II em Rouen em 1550. *Revista Morus, Utopia e Renascimento*, nº 5, p. 221-240, 2008

GOULÃO, M. J. – **AS PRIMEIRAS IMAGENS DO ÍNDIO BRASILEIRO NO ESPAÇO EUROPEU**: a Adoração dos Magos de Ulrich Apt o Antigo do retábulo de Santa Cruz de Augsburgo. In: *População e Sociedade: estudos de Arte e Patrimônio*. Porto: CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2012. Vol. 20, p. 79-91.

LEITE, S. **NOVAS CARTAS JESUÍTICAS** (De Nóbrega a Vieira). Série Brasiliana. Biblioteca Pedagógica Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, série 5ª, v. 194, 1940.

LERY, J. **VIAGEM À TERRA DO BRASIL**. Rio De Janeiro: Editora do Exército. 1961.

MASSIMI, M. (2003). **REPRESENTAÇÕES ACERCA DOS ÍNDIOS BRASILEIROS EM DOCUMENTOS JESUÍTAS DO SÉCULO XVI**. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*. 5, 70-87.

Ministério da Cultura. **A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA**. Fundação Biblioteca Nacional do Livro, Departamento Nacional do Livro, disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>.

MONTAIGNE, M. de. **OS ENSAIOS**: uma seleção / Michel de Montaigne; organização m. a. Screech; tradução Rosa Freire d'Aguilar. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

RIBEIRO, F. **VALLADOLID: A POLÊMICA INDIGENISTA ENTRE LAS CASAS E SEPÚVEDA**. *Revista Filosofia Capital*, Brasília, v. 6, n. 12, p. 100-107, jan/ 2011.

SANTOS, L. A. O. de. **O PERCURSO DA INDIANIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA**: matizes da figuração. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SERAFIM, L. **CARTAS DOS PRIMEIROS JESUÍTAS DO BRASIL**. Coimbra, Tipografia da Atlântida, 1957.

TAVARES, L. F. F. de. **O NOVO MUNDO NA FRANÇA**: discursos e poderes. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2014.

THEVET. A. **SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTARCTICA, a que outros chamam de América.** Tradução: Prof. Estevão Pinto. Brasileira, série 5^a, v. 219. Companhia Editora Nacional, 1944.

Universidade do Sagrado Coração

Rua Irmã Arminda, 10-50, Jardim Brasil – CEP: 17011-060 – Bauru-SP – Telefone: +55(14) 2107-7000

www.usc.br